
Linhas subterrâneas de criação com Hélio Oiticica nas tramas da educação

Underground lines of creation with Hélio Oiticica in the weave of education

Fernanda Serrão Carneiro
José Valdinei Albuquerque Miranda
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Cametá/Brasil

Resumo

O artigo percorre linhas subterrâneas de criação tramadas com o manifesto Subterrânia (1969), do artista Hélio Oiticica (1937-1980), a fim de produzir atos de criação com a arte na educação potencializados na relação corpo-arte-vida. Para realizar a pesquisa, mergulhamos nos escritos de Oiticica, entre ideias-conceitos postos em diálogo com a Filosofia da Diferença. De abordagem cartográfica e como pesquisa-intervenção, o estudo se tece por tramavivências anárquicas, livres e experimentais. Por meio da “Oficina Subterrânia: escrevendo com a arte de Hélio Oiticica”, os alunos-participantes produziram um “Manifesto Educacional Coletivo” composto por micromanifestos, desenhos e escritos que problematizam questões sociais, raciais e os processos de regulação e controle dos corpos, destacando a importância de ambientes de arte e criação como afirmação política e de vida nos espaços escolares.

Palavras-chave: Arte-educação; Filosofia da Diferença; Subterrânia; Hélio Oiticica.

Abstract

This article explores underground lines of creation interwoven with the Subterrânia manifesto (1969) by the artist Hélio Oiticica (1937-1980) in order to produce creative acts in education, enhanced by the body-art-life relationship. To carry out the research, we delved into Oiticica's writings, engaging in a dialogue between his idea-concepts and the Philosophy of Difference. Using a cartographic approach and research-intervention, the study unfolds through anarchic, free, and experimental weave experiences. Through the “Subterrânia Workshop: writing with the art of Hélio Oiticica,” the participating students created an “Collective Educational Manifesto” composed of micro manifestos, drawings, and writings that address social and racial issues, as well as the processes of body regulation and control, highlighting the importance of art and creation spaces as political and life-affirming acts within schools.

Keywords: Art education; Philosophy of Difference; Subterrânia; Hélio Oiticica.

1 Introdução

O manifesto poético-político *Subterrânea* (1969), do artista-inventor brasileiro Hélio Oiticica (1937-1980) nos instiga a pensar a arte em sua dimensão estética e política. A escrita do artista designa um estado de inventividade marginal e latente na arte brasileira que nasce a partir de vivências com o movimento Underground, em Nova York, ao final da década de 60.

Figura 1. *Subterrânea*, 1969.



Fonte: Programa Hélio Oiticica, Itaú Cultural.

Atravessado pela escrita nômade de Jack Kerouac, ao ler *The Subterraneans* (1958), Hélio é provocado a pensar sobre a sua própria produção artística e experimental, vertendo para a arte brasileira sob uma perspectiva sub, dado o cenário de violência e censura vividos com a ditadura militar. Fortemente inspirado pela cosmovisão de mundo que se criava com a geração *beat*, Oiticica enfatiza que “toda a forma de criação moderna passa cada vez mais a isso: a clandestinidade da criação, que sempre existiu de certa forma” (Oiticica, 1969), esta é uma ideia que, para ele, passa a ser de primeira importância no seu processo criador, como um ato de revolução dos valores fixos, universalistas e ultrapassados.

Em *The Subterraneans*, consta que os subterrâneos são um grupo nômade, pessoas com a percepção aguçada sobre diversos assuntos, que experimentam, se aventuram e confrontam o sistema capitalista a partir do seu próprio estilo de vida. O aspirante a poeta e escritor, Leo Percepied, assim como Oiticica, é capturado pela essência dos subterrâneos, a partir desse encontro novas perspectivas de vida-mundo são tecidas para o personagem e para o artista:

Julien Alexander é o anjo dos subterrâneos, o nome subterrâneos é ideia de Adam Moorad que é poeta e amigo meu e disse ‘Eles estão por dentro das coisas, mas não são esnobes, são inteligentes, mas não são cafonas, são intelectuais paca e sabem tudo sobre Ezra Pound, mas não são pretensiosos e não vivem falando nisso, são muito discretos, são bem do gênero Jesus Cristo’ (Kerouac, 2018, p. 1).

Assim, o manifesto Subterrânia desponta em devires sub tramados com o corpo, a arte, a educação e a experimentação, com o objetivo de traçar, propor e provocar fissuras e rupturas nos paradigmas da educação. A expressividade criativa da linguagem artística, subterrânea e marginal dão mecanismos e rotas de fuga pelas quais se constroem novas possibilidades para as máquinas de ensino, pensando o corpo como matéria viva nos processos de experimentar e aprender, via de confluência de signos, percepções e desejos que escapam das tentativas de docilização dos corpos em formação.

No percurso labiríntico desta pesquisa, interlocuções são feitas com Friedrich Nietzsche, Suely Rolnik, Gilles Deleuze e Félix Guattari no que tange a investigação sobre corpo, criação e experimentação com a arte nos múltiplos territórios da educação. O vasto acervo de obras, textos, documentos, cartas, roteiros e entrevistas de Hélio Oiticica disponíveis em primeira mão no site do Itaú Cultural conceituam a ideia de subterrânea como potência de criação com a arte, o corpo e a educação. As citações que se referem ao Programa Hélio Oiticica do acervo do Itaú Cultural, estão descritas como Oiticica e o ano da obra.

Linhas subterrâneas de criação com Hélio Oiticica nas tramas da educação

A pesquisa cartográfica segue as pistas das tramavivências, como chamaremos esses acontecimentos poético-educacionais tramados entre arte, corpo e educação. As tramavivências constituem um aspecto conceitual que opera junto a ao método cartográfico, elas apontam o caminho para cartografia da produção de conhecimento, subjetividade e complexidades no educar, na coletividade, no encontro com outros artistas, alunos, professores e professoras que se arriscam nesse campo e propõe uma experimentação com a arte anárquica de Hélio Oiticica.

Em “A Trama da terra que treme”, texto publicado em 1968 no jornal Correio da Manhã, Oiticica realça a necessidade do exercício experimental da liberdade na transformação da realidade, como um ato individual que se fortalece coletivamente com a arte, em uma tramavivência:

Tudo isso os conduz ao centro mais importante dessa atitude experimental, que é o atuar sobre o comportamento diretamente, não num puro processo de relaxamento dessublimatório, mas no de estruturação criativa, convocação às transformações e não submissão conformista. É como uma rama que se faz e cresce etapa por etapa: a tramavivência (Oiticica, 1968).

A pesquisa é atravessada pelo pensamento de Costa (2022), que propõe uma cartografia literária que inscreve potências de vida nas artes de escrever-pesquisar, articulada ao pensamento geo-filosófico que nos permite transitar e deambular ao encontro das potências de criação que emergem do mapa traçado entre a educação e a arte de Oiticica. O mapa das tramavivências a serem cartografadas encontra a sua potência e singularidade nas proximidades do pensamento de Deleuze e Guattari sobre alguns dos princípios de cartografia a serem percorridos em uma pesquisa-rizoma:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze & Guattari, 1995, p 21).

Subterrânia na educação, portanto, acontece como afirmação do corpo vivo dentro dos processos de formação. É um ato de rebeldia, o corpo em movimento de capilaridade, que confronta as relações de poder colocando a si como ponto de criação e maquinação de mundos outros. Assim, o plano subterrânia no encontro com a educação produz as seguintes questões: Quais as micropolíticas perpassam o corpo subterrâneo na educação? O que a proposição-manifesto Subterrânia, de Hélio Oiticica, pode subverter na máquina educacional como conhecemos?

O percurso labiríntico pelos quais se cruzam as linhas subterrâneas mobilizam o microcosmo político que perpassa o corpo na sua relação com o desejo. A rede de poder molecular que se constitui subterraneamente com a proposição de Oiticica trama acontecimentos poético-plásticos que desencadeiam atos de criação, como a poesia marginal e a invenção de acontecimentos. O corpo subterrâneo no interior da máquina educacional, por sua vez, transita clandestinamente, criando linhas de fuga, tocas e abrigos. Neste processo, mundos-outros são inaugurados, outras linguagens são faladas e outros educares são fundados. Longe dos olhos, escapam por entre as grades curriculares e passam despercebidos como corpos que criam e modificam os territórios educacionais.

2 Do sub para o mundo: corpo subterrânea

Ao desterritorializar o conceito de Subterrânea para a educação, percebemos o corpo como zona de criação, via de desejos e fluxos existenciais. É a antítese do corpo controlado, padronizado, que arduamente vem à tona. A esse propósito, o compositor e poeta marginal Torquato Neto divulga uma nota sobre a subversiva proposição de Oiticica que nos mobiliza a pensar a educação:

Pois é: a palavra subterrânea debaixo da pele do uniforme do colégio que me vestem. Apareceu primeiro no Pasquim, num Pasquim do ano passado, lançada às feras e aos olhares tortos por Hélio Oiticica, o tal. A palavra Subterrânea na seção Underground, de Maciel. Simplifico e explico que subterrânea deve significar underground, só que traduzido para o brasileiro curtido de nossos dias, do qual se fala tanto por aí. Onde melhor se vive esta língua. Fogareiro vira cinza.

Na subterrânea: do underground da cultura nacional para a vida das velhas transas: daqui pra lá e assim. De lá pra cá volta assado, queimado. Assim, como sempre. Volta tudo muito culto, muito astuto.

E eu sinto muito e curto. Pode sim. Eis: subterrânea (Neto, 1973, p. 21).

No campo subterrâneo de experimentação, o desejo denota vontade de potência, “vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores” (Guattari e Rolnik, 1996, p. 215). A percepção de Guattari e Rolnik (1996) sobre as micropolíticas do desejo expressam a urgência de uma realidade em que a criação seja imanente, mas que não esteja localizada no eixo de um sistema binário de significações, um campo no qual não haja uma aura de vergonha e culpabilização em que o desejo precisa se infiltrar secretamente sob os escombros, “sempre vivido na clandestinidade, na impotência e na repressão” (Guattari e Rolnik, 1996, p. 216), mas sim um plano que o potencialize, como um grito em ressonância.

O corpo subterrânea torna-se artífice e artifício para a retomada do poder entre arte, vida e educação. Pode-se dizer que Subterrânea está sob os escombros, mas também é o núcleo de toda a criação, “longe dos olhos – perto do coração: ou da cor da ação” (Oiticica, 1969). Corpo secreto, potente e desprezado, para ficarmos com as concepções de Nietzsche “uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor” (Nietzsche, 2018, p. 32), uma grande razão apática, sob escombros industriais.

A arteficialidade do corpo em automaquinação reimagina os espaços com sentidos, perspectivas e linguagens outras, verte para a educação como potências de vida e transformação. A proposição artística-educacional que nasce com a obra de Hélio Oiticica proporciona essa tramavivência que ressoa do sub da educação. É segundo essa perspectiva que foi realizada a “Oficina Subterrânea – escrevendo com a arte de Hélio Oiticica”, cujo o objetivo principal consistiu na criação de um Manifesto Educacional Coletivo, produzido por alunos-participantes da rede pública de ensino médio do município de Cametá, no interior do Pará.

3 Oficina subterrânea: linhas de criação com a arte de Hélio Oiticica

A oficina foi realizada como atividade de intervenção no V Colóquio do Grupo de Pesquisa Anarkhos: sentidos e performatividades. No evento, diversas atividades artísticas, visuais, experimentais, performáticas, entre outras oficinas foram propostas, as opções de participação eram inúmeras e variadas, e a integração e a presença de alunos da rede pública de ensino contribuiu com a dinâmica das atividades, tanto para a participação nas pesquisas ali desenvolvidas quanto para a derrubada de muros construídos entre a escola básica e a universidade.

Vivenciada com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Simão Jatene, a oficina contou com a participação de dezoito alunos do 1º ano do ensino médio da referida escola, no horário das 08h às 12h:00min, no Campus Universitário do Tocantins, UFPA. A média de idade dos alunos-participantes variou entre jovens de 15 à 20 anos, com gostos, perspectivas e falas múltiplas. A atmosfera da sala de aula era amistosa, os alunos estavam empolgados por estarem na universidade, fizeram muitas perguntas e ouviram com atenção a proposição artístico-educacional que apresentamos. A sinergia das trocas construída entre diferentes vivências e conhecimentos produziu uma interação criativa, desejante, artística, livre de uma lógica reprodutiva e de uma avaliação quantitativa, que corresponde a uma nota final, um comportamento padrão ou uma posição social.

Iniciamos com uma breve apresentação de todas as pessoas presentes, os jovens diziam seus nomes e seus interesses artísticos. A maioria respondeu que gosta de música e dançar, entre os meninos, alguns responderam que gostam de escrever músicas e tem influências do rap e hip-hop, alguns desenham como forma de passar o tempo e outros, têm interesses em esportes, como futebol e vôlei. Algumas meninas, ainda tímidas, revelavam gostar de dançar, algumas disseram gostar de cinema, outras de pintura e poesia.

Após as apresentações, introduzi o conteúdo planejado para a oficina. Utilizando ferramentas como notebook, projetor de vídeo, caneta e quadro branco, começamos com um breve percurso pela vida e obra de Hélio Oiticica, destacando a plasticidade da sua criação desde as pinturas geométricas dos “Metaesquemas”, até as intervenções ambientais com os “Núcleos”, “Bólides”, “Parangolés” e “Tropicália”. Foi dada uma certa ênfase ao pensamento criativo, anárquico e subversivo de Oiticica, em que a arte não tinha o objetivo de ornamentar, ilustrar ou agradar todos os olhares, mas de provocar o pensar e a participação, revolucionando os paradigmas de arte da época.

Após esse momento introdutório de contextualização espaço-temporal e de passagem pela cosmovisão de arte de Hélio Oiticica, começamos a falar sobre Subterrânia. Por tratar-se de um texto escrito à mão composto por uma sucessão de pensamentos do artista, fizemos uma leitura pausada, absorvendo cada frase em sua essência e significado. Os alunos-participantes colaboraram na interpretação, expuseram suas percepções sobre a escrita, sobre o contexto e sobre o artista, ao mesmo tempo em que participavam, os jovens manifestavam sentimentos individuais e atravessamentos coletivos. Assim, conversas, diálogos e pensamentos foram sendo tecidos a fim de compreender o que seria subterrânia para cada, em tramavivência com o corpo, a escola, a família, amigos, entre outros.

O aluno A diz: subterrânia é uma pessoa tímida.

Pergunto o porquê, ele responde: “porque às vezes alguém quer fazer algo, uma dança ou uma pintura, mas não tem coragem de mostrar porque tem medo de ser julgado ou as pessoas rirem.”

O aluno A foi essencial para dar o pontapé nas falas seguintes, sobre bullying, homofobia, racismo, falta de afetividade e pressão nos estudos. Outra fala marcante foi feita pela aluna B: “eu sofro muita pressão em casa por causa da escola, para ser alguém na vida... dizem que tudo o que eu gosto não dá dinheiro.” O momento de conversação foi intenso, nem todos falaram suas percepções sobre o que é ou como é estar em uma posição

subterrânea, mas a sensibilização foi coletiva em relação a cada fala, enquanto uns relataram algo sobre si, outros concordaram, complementando com experiências parecidas.

Após esse momento de conversação e aproximação, partimos para a produção do manifesto educacional. Foram selecionadas duas frases motivadoras para auxiliar no processo de escrita, a primeira foi retirada do texto escrito por Torquato Neto, e a segunda foi retirada do manifesto subterrânea de Hélio Oiticica, ambas trabalhadas ao longo da aula como bases interpretativas para o conceito de subterrânea, sendo elas:

- 1) Pois é: a palavra subterrânea debaixo da pele do uniforme de colégio que me vestem.
- 2) Longe dos olhos, perto do coração: ou da cor da ação.

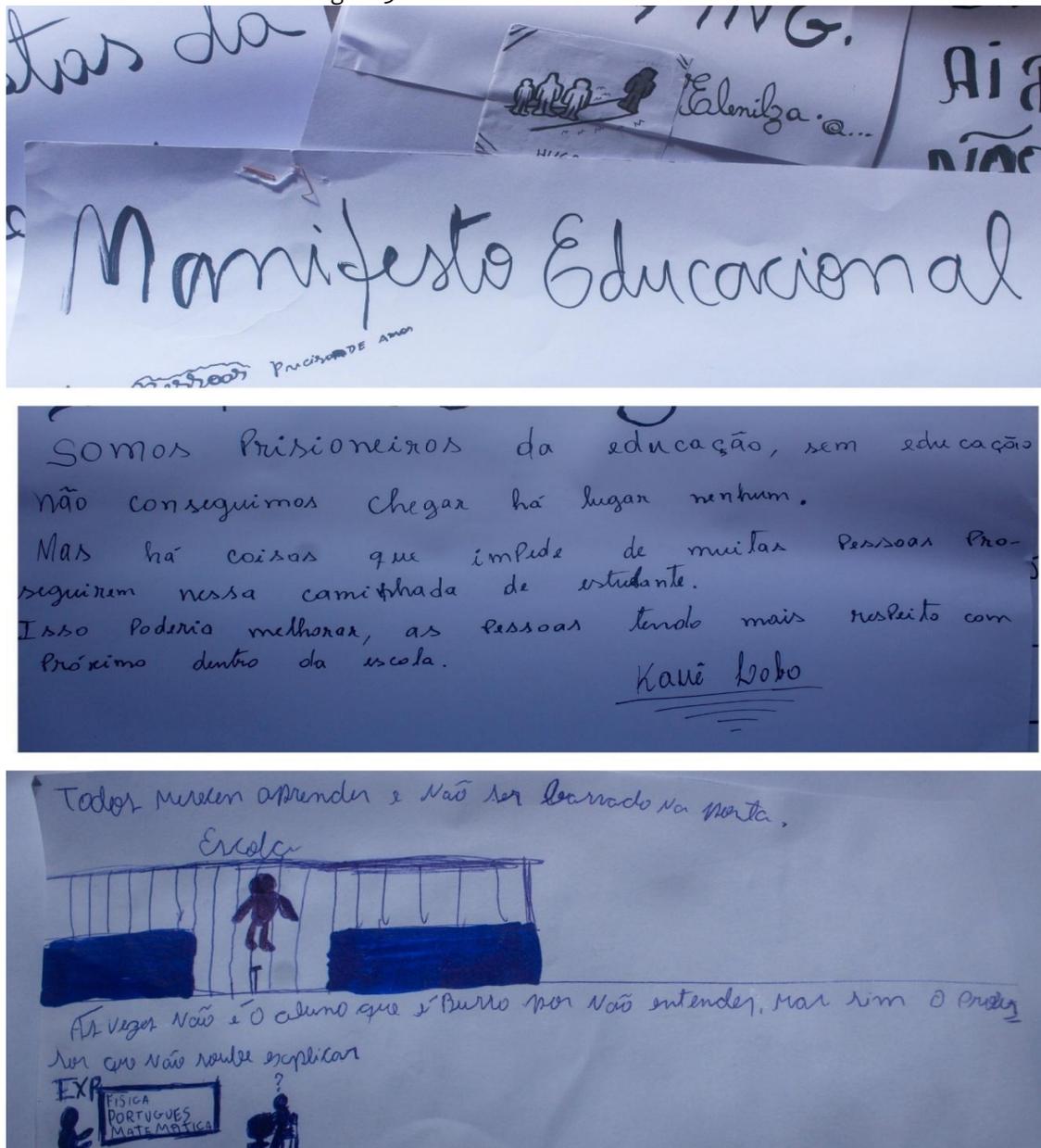
A turma foi dividida em dois grupos, cada um ficou com uma frase motivadora, os materiais e métodos de criação foram variados e ficaram a critério dos alunos. Com base nessa dinâmica e seguindo o princípio da invenção, foram produzidos textos, desenhos, pinturas e colagens que compuseram as folhas de cartolina branca onde ficaram documentadas as manifestações políticas, poéticas e sensíveis dos alunos, falas que revelam o desejo de liberdade e respeito que ressoam com toda a potência de um manifesto.

Assim, a oficina subterrânea aconteceu. As tramavivências se deram por vias desterritorializadas, por zonas inquietas de criação em que os devires educacionais se cruzam produzindo perspectivas, poéticas e potências que afirmam a vida como potência na educação. O processo de deslocamento da condição de aluno-ouvinte para a de sujeito-participante foi de ruptura, houve o enfrentamento ao estranhamento causado pela provocação do pensar para além dos processos cognitivos, no entanto, a experimentação com a escrita, o desenho e a pintura nos direcionaram a diferentes discussões, como parte do movimento criativo, os participantes deslocavam-se na sala de aula, compartilhavam suas ideias e ajudavam colegas a comporem suas falas subterrâneas.

O manifesto educacional coletivo constituiu-se por devires subterrâneos e micromanifestos, costurou-se por bricolagens, artesanias e artistagens, mais do que um papel composto por linhas de escrita, arranjos de vida foram tramados em uma proposição artística-educacional subterrânea. A experimentação poética-política dos alunos-participantes produziu um duplo movimento de sensibilização e fabulação da educação, com eles é possível pensar a educação junto a professores e professoras, envolvendo toda a dinâmica escolar desde a entrada na instituição até a elaboração de projetos políticos e pedagógicos pautados

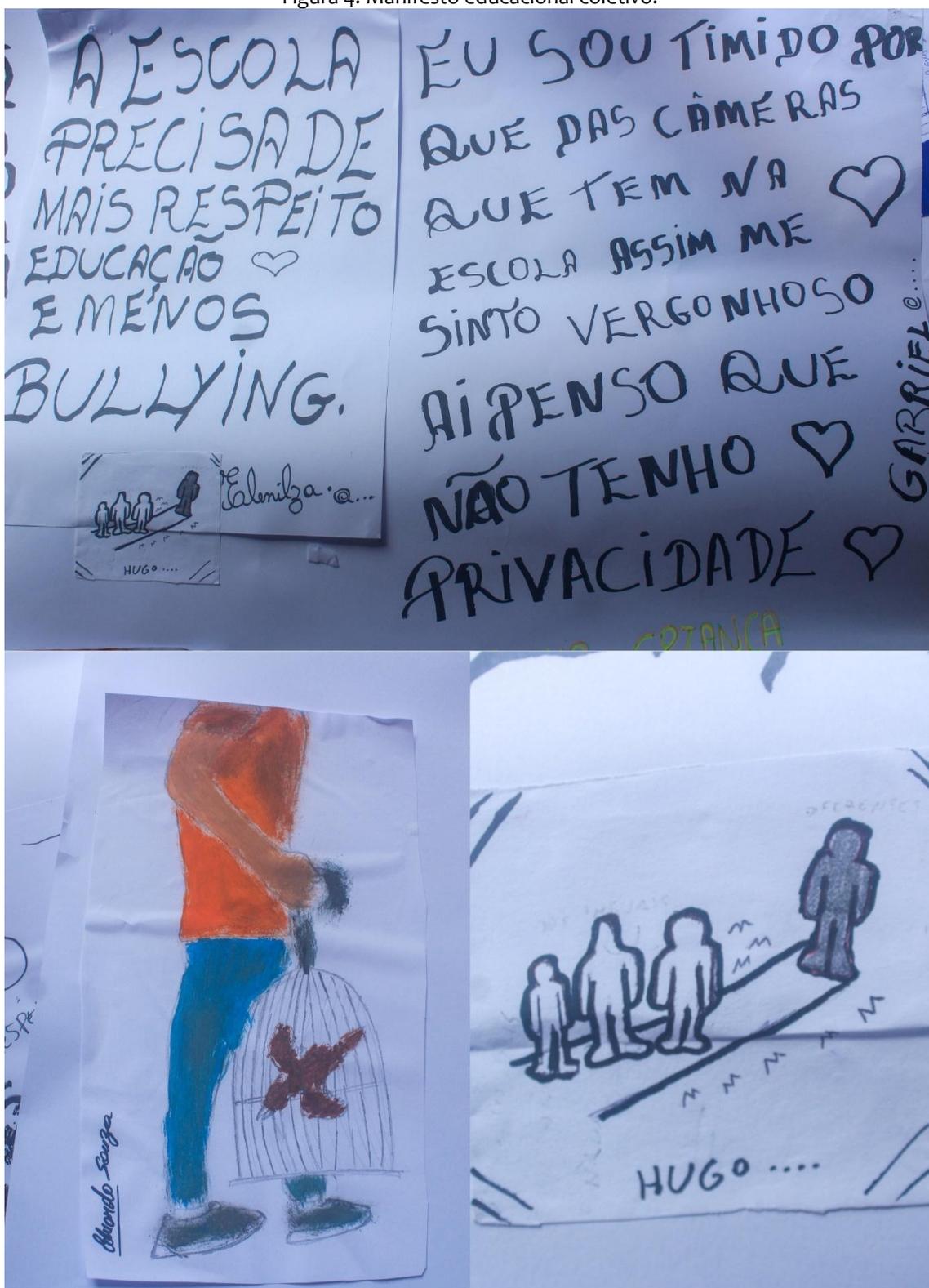
na Filosofia da Diferença, na escrita e criação com a arte e na valorização do indivíduo e da coletividade.

Figura 3. Manifesto Educacional Coletivo.



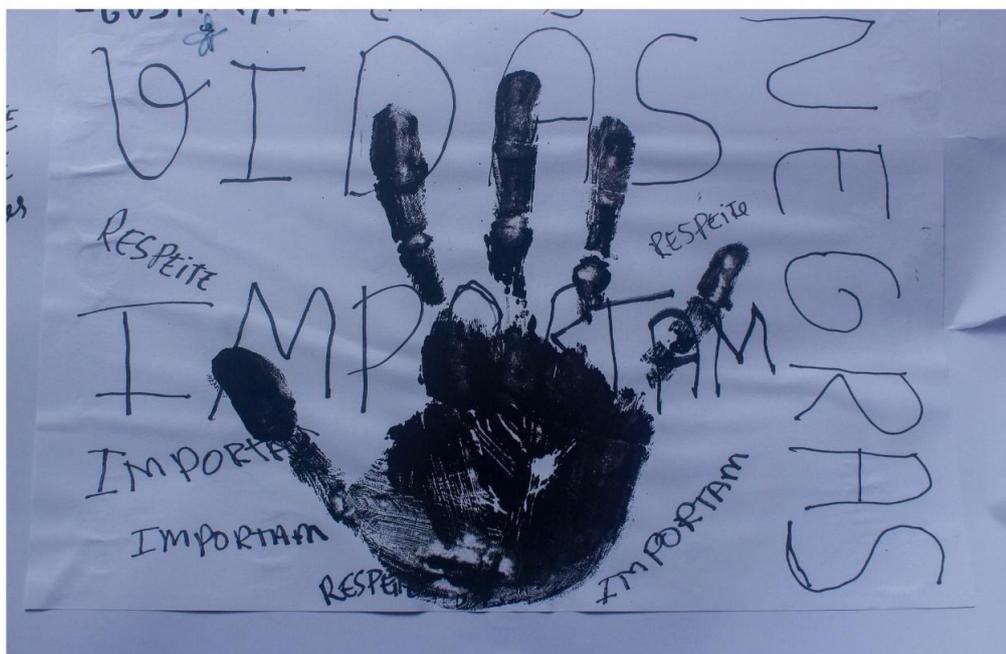
Fonte: arquivo da pesquisa, 2023.

Figura 4. Manifesto educacional coletivo.

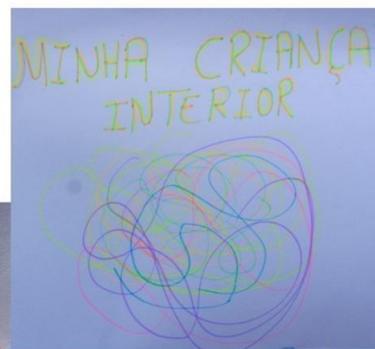


Fonte: arquivo da pesquisa, 2023.

Figura 5. Manifesto educacional coletivo.

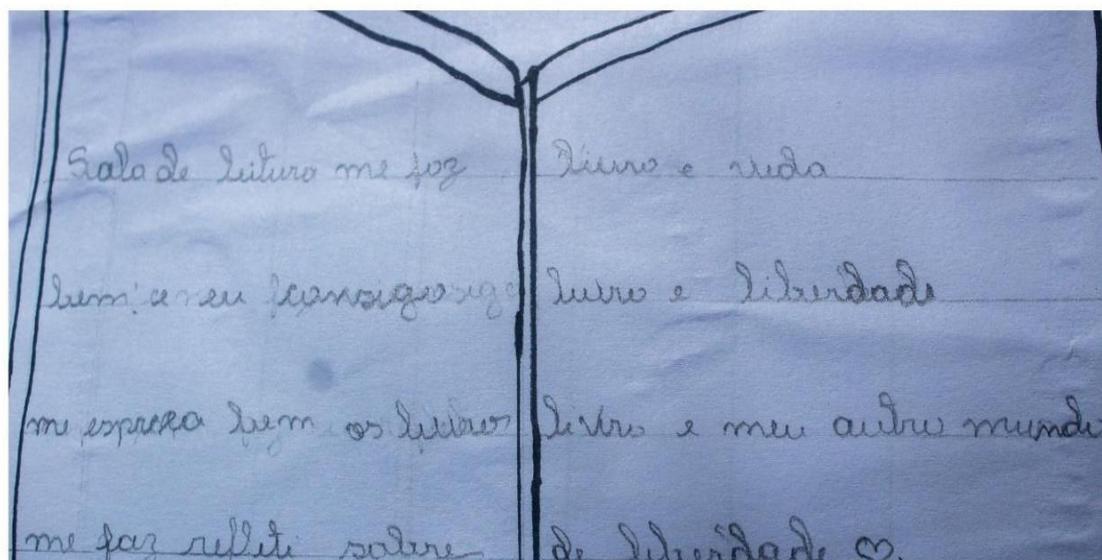
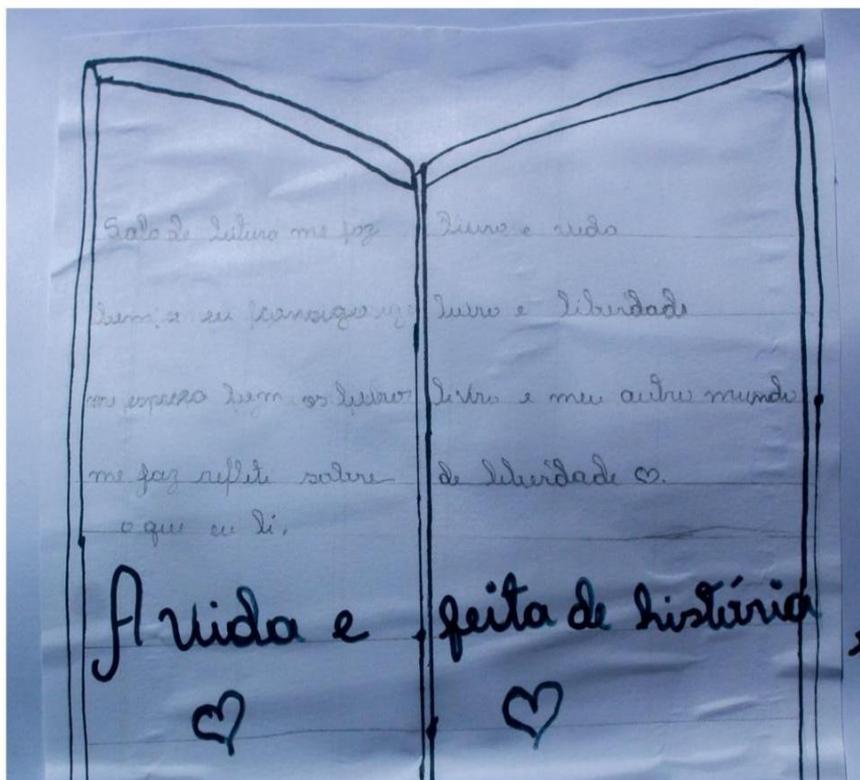


Precisamos acabar
com racismo q
NÓS SOMOS MAIS FORTE
JUNTOS. UM POR TODOS É
TODOS POR UM.
FELIZ
SEMPRE. *Adrielson Soares*



Fonte: arquivo da pesquisa, 2023.

Figura 6. Manifesto educacional coletivo.



Fonte: arquivo da pesquisa, 2023.

Os fazeres artísticos-experimentais dos alunos-participantes expõem sentimentos, acontecimentos e microviolências que podem advir do ambiente escolar, como ofensas, bullying, exclusão, racismo, entre outros. São questões que demandam a atenção da gestão escolar, como a coordenação pedagógica em diálogo com o corpo docente e familiar, mas

que muitas vezes é deixado de lado como um problema secundário ou um mau comportamento dos alunos em que a escola não deve interferir.

É possível fazer interlocuções com os conceitos de sociedade disciplinar com ênfase na noção de controle, a qual Deleuze aponta como um regime contemporâneo, consecutivo as sociedades disciplinares e que atende às demandas emergentes do capitalismo. O sistema educacional age como espaço de disciplina e controle simultaneamente, pois atribui ao aluno o compromisso de manter o ambiente organizado de acordo com regras de vestimenta e comportamentais vigiando uns aos outros, mas opera de forma controladora ao capturá-lo para o interior de um processo que ele é incapaz de confrontar, de produzir ou criar meios para sair.

Assim, capturam-se os devires, as potências, as ideias e singularidades e desejos do sujeito, que por fim, se adapta a um educar disciplinador e empresarial em que o poder é exercido sobre toda e qualquer forma de expressividade individual ou coletiva.

Numa sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. (...). A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexplicável como são emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo (Deleuze, 1992, 221).

O controle acompanha o sistema educacional a cada passo, Deleuze (1992, p. 221) realça que “os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que muda continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”. Por isso, os micromanifestos apontam diferentes formas de controle na escola: a obrigatoriedade de uniformização, o desrespeito a individualização do aluno, o monitoramento por câmeras nos corredores, nas salas de aulas e nos espaços de socialização, e principalmente ao processo de aprendizagem de cada um, dada as suas especificidades e aspirações.

Tais aspectos de disciplinamento e controle dos corpos influenciam diretamente no bem-estar e no processo do aprender do estudante, de modo que a responsabilidade pela supervisão, prevenção e correção de ações repreensíveis, por vezes, é atribuída a ferramentas de regulação como câmeras de segurança nos corredores e salas de aulas, uso obrigatório de uniformes e constrangimentos públicos. O devir sub traz à tona e enfatiza o descontentamento coletivo em relação aos aparelhos de regulação nas instituições, que por

um lado são de grande importância para a identidade e segurança escolar, mas por outro, se não estiverem acompanhadas de ações de combate à violência, conversações, respeito e aceitação podem ser opressivos e revoltantes.

A arte subterrânea de Hélio Oiticica proporciona múltiplas afetações nos alunos-participantes. Linhas subjetivas são traçadas formando grandes estruturas ramificadas, compostas por linhas duras e maleáveis, de enfrentamento e de fuga. São linhas que despontam de forma anárquica, por vezes desarranjadas, mas insubmissas. Os micromanifestos antirracistas derivam desse sentimento desejante por liberdade e respeito, são potencializados pela vontade de combater o racismo estrutural, velado e conformado que permeia as instituições de ensino e se infiltra nas relações sociais, discriminando e oprimindo jovens por sua cor, classe social, roupas que vestem, o bairro em que moram, etc. O pensamento subterrâneo desterritorializa os alunos do estado de contemplação das microviolências para uma posição de enfrentamento e de rejeição ao racismo, assim como contra o machismo, o assédio, a homofobia, entre outras microviolências apontadas pelos jovens participantes.

Quando as palavras faltaram os desenhos deram forma e cor às sensações. O desejo de liberdade é intrínseco a cada traço ou fala de Eduardo, ao pintar um pássaro engaiolado à espreita da fuga. Pergunto o que o pássaro simboliza para ele, o artista responde: “ele gostaria de ser quem é de verdade”, “não se sentir preso na escola”, “não ter medo de ser julgado”. Por vezes, a fala de Eduardo se confunde com a do pássaro marrom, existe a sensação de aprisionamento, mas por diferentes grades, uma proíbe o céu, outras, por sua vez, atravancam caminhos e desbotam imaginários.

O desenho de Hugo nos direciona a outros caminhos, é singular e sensível, mas aponta para uma subjetividade engendrada no âmago de agenciamentos coletivos de enunciação, como o escolar, familiar, entre outros labirintos sociais. O anseio por aceitação e alteridade nas diferentes esferas socioculturais é quase uma condição humana, subjetiva e desejante, por isso o sentimento ilustrado pelo aluno atravessa uma multiplicidade de corpos que transitam e se expressam subterraneamente por entre as máquinas produtivas capitalistas, como evidência Guattari e Rolnik (1996):

A produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola absolutamente a essa representação do indivíduo. Essa produção é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutações de universos de valor e de universos históricos (Guattari & Rolnik, 1996, p. 32).

A sala de leitura Clarice Lispector é mencionada em um dos textos incorporados ao manifesto coletivo, para Lisboa (2018), professora que coordena o espaço artístico-literário na escola Abraão Simão Jatene os leitores que frequentam e dão vida a Sala de Leitura Clarice Lispector têm as sensações da ficção clariceana a floradas a cada leitura, “eles perceberam que o mundo não era feito apenas de coisas que se viam nele. Mas havia outras possibilidades de se olhar o mundo e a si mesmo” (Lisboa, 2018). A menina tímida sentada ao fundo da sala usando um moletom lilás não sabia o que escrever, dizia não ter nada para falar, mas ao final descreveu com a sua produção uma das maiores potências do exercício da literatura na escola: a possibilidade de transver o mundo e a si mesma, com liberdade, sensibilidade e coragem de um coração selvagem que pulsa com as páginas de um livro.

Surge, nesse momento, um pequeno e tímido manifesto a favor da literatura e da arte na escola. A sala de leitura opera como um espaço heterotópico no interior da máquina educacional, em que os estudantes são desterritorializados e reterritorializados para mundos outros por meio da leitura, do livre contato com a literatura, com a poesia e a escrita. Ao dizer “livro é meu outro mundo de liberdade”, a aluna afirma a arte como potência de vida nos (des)territórios da educação e fortalece os processos de emancipação dos devires do corpo-criação aprisionados pelas grades curriculares que instrumentalizam e subestimam a arte como caminho para o aprendizado.

Em suma, os devires educacionais tramados com a oficina subterrânea jogam com o aluno-participante em tramavivências que desterritorializa e descentraliza as relações de poder na escola, movimentando fazeres artísticos que intervêm e inventam educares outros pautados na diferença e na multiplicidade. Com Subterrânea, de Hélio Oiticica, a educação se perde e se encontra em labirintos, tocas, rios-rizomas que perpassam infâncias, juventudes e ressoam por vidas inteiras metamorfoseadas pela arte de se reinventar política e poeticamente.

4 Considerações finais

A proposta de pensar-experimentar o corpo na educação sob a perspectiva subterrânea de arte e criação do artista brasileiro Hélio Oiticica abre múltiplas possibilidades de diálogo entre a arte e a educação. O encontro entre arte, corpo e educação produziu um campo de problematização imanente, anárquico e sensível em que as vivências e as percepções de alunos-participantes emergiram como linhas de fuga, com múltiplas entradas

e saídas para os territórios do educar. Trata-se de uma perspectiva que rompe com uma lógica educacional engessada, que controla e despreza o corpo, reimaginando a educação por uma escrita e criação a partir da experiência vivida.

O manifesto *Subterrânia* (1969) de Hélio Oiticica traça as linhas iniciais que percorrem o artigo. A partir do devir SUL-SUB, o artista desenvolve o conceito de *Subterrânia* como um movimento capilar, que nasce de baixo para cima, confrontando os paradigmas de arte, as tentativas de captura do corpo, a censura e a violência vivida durante a ditadura militar no Brasil. Assim, *Subterrânia* se desdobra em devires sub, com múltiplas interpretações e interpelações artísticas e culturais, não como uma condição sub existência em detrimento do ser, mas como potência de criação e afirmação de vida que se faz com a arte como resistência.

Nesse sentido, o ideia-conceito de *Subterrânia* verte para a educação como aspecto educacional anárquico, livre e experimental que enfatiza a participação do indivíduo no próprio processo educativo e na transformação do ambiente educacional. Em vista disso, foi proposto a criação de um “Manifesto Educacional”, produzido na “Oficina *Subterrânia*: escrevendo com a arte de Hélio Oiticica”, realizada na Universidade Federal do Pará, campus de Cametá, com a participação de alunos e alunas de uma escola estadual pública de ensino médio.

A cartografia se deu por pistas das tramavivências: acontecimentos poético-educacionais tramados entre arte, corpo e educação. As tramavivências constituem um aspecto experimental que opera junto ao método cartográfico em diálogo com a arte de Oiticica, enfatizando os devires sub, os movimentos de desterritorialização, os desejos e as inquietações que ecoam com a produção artística e reverberam por toda a máquina educacional.

Em suma, a proposição artístico-educacional desenvolvida com *Subterrânia* como problematização das dinâmicas educacionais tradicionais e disciplinantes, produziu perspectivas outras para a educação, por meio do corpo e da arte em duplo movimento de afetação. Portanto, o deslocamento que se faz entre os três elementos que se cruzam, potencializam o educar como lugar de produção de uma arte livre com múltiplas possibilidades de vida. Do sub para o mundo, as vivências clandestinas dão origem a outros corpos, saberes, pedagogias e mundos que subvertem a lógica reprodutiva de mercado e operam como agentes de transformação do real, do vivido.

Referências

- COSTA, Gilcilene Dias da. Cartografias Literárias nas artes de Escrever-Pesquisar. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. **Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias**. 1. ed. Curitiba: CRV Editora, 2022.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Coleção TRANS. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA Cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1996.
- KEROUAC, Jack. **Os Subterrâneos**. 1. ed. L&PM, 2018.
- LISBOA, Gilma Guimarães. **PELAS MÃOS DE CLARICE O desabrochar da experiência literária na Sala de Leitura Clarice Lispector**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará: Cametá, 2018.
- NETO, Torquato. A Palavra Subterrânea. In: SAILORMOON, Waly (org.). **Torquato Neto Os Últimos dias de Paupéria**. Brasil: Livraria Eldorado Tijuca LTDA, 1973.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- OITICICA, Hélio. **A trama da terra que treme (O sentido de vanguarda do grupo baiano)**. Rio de Janeiro – Correio da Manhã, 1968. Disponível em: https://legacy-ssl.icnetworks.org/extranet/enciclopedia//ho/index.cfm?fuseaction=documentos&cd_verbet e=4523&cod=549&tipo=2. Acesso em: 23/12/2024.
- OITICICA, Hélio. HÉLIO Oiticica. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oitica>. Acesso em: 24 set. 2024. Verbetes da Enciclopédia.

Sobre os autores

Fernanda Serrão Carneiro

Mestre em Educação e Cultura (UFPA/Cametá), doutoranda em Educação na Amazônia (UFPA/PGEDA/Rede Educante). Membro da ANPED, integra o Grupo de Pesquisa Anarkhos, bolsista Capes. Desenvolve pesquisas na área da Educação em diálogo com a Filosofia da Diferença, corporeidades, arte e perspectivas amazônicas. E-mail: fernandasrca@icloud.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0149-5167>

José Valdinei Albuquerque Miranda

Doutor em Educação (UFRGS), Professor associado da UFPA, Faculdade de Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA/PPGEDUC e do Doutorado em Rede na Amazonia PGEDA/Educanorte. Membro associado da ANPED. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Anarkhos. Coordena o projeto de pesquisa Filosofia da Diferença, nomadismo e educação. E-mail: jvaldineimiranda@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1259-8655>

Recebido em: 01/10/2024

Aceito para publicação em: 29/10/2024